

FILOSOFIA

Desafios criativos e fascinantes

Aula de Filosofia: busca de valores humanos

GLORINHA AGUIAR

Aulas
Criativas

DESAFIOS CRIATIVOS E FASCINANTES

Aula de Filosofia: busca de valores humanos

Glorinha Aguiar

glorinhaaguiar@uol.com.br

Eu queria testar a metodologia criativa com alunos que eu não conhecesse. Teria de ser também um assunto que, em geral, fosse rejeitado nas escolas.

Então, numa outra cidade, procurei a diretora de uma grande escola e perguntei se ela gostaria que eu desse uma palestra para os alunos do noturno quando faltasse professor. Apesar de não me conhecer, ela aceitou e disse que poderia ser na 1ª. Série do Ensino Médio, três dias após a nossa conversa. Agradei e já estava saindo quando ela perguntou o título da palestra. Quando eu disse: “Filosofia de vida

segundo o filósofo Jesus Cristo”, ela me chamou de volta e perguntou:

“Você está louca? Os alunos do noturno trabalham o dia todo e vêm à escola só para jantar, ganhar a carteirinha de estudante e dormir na carteira. Isso quando não estão agredindo os professores e colegas. São muito grosseiros e indisciplinados. Não têm interesse por assunto algum. Com essa sua palestra vão ficar mais irritados e poderão até atirá-la pela janela. Acho que você não deve fazer isso. Você não está ganhando nada, portanto, é melhor desistir.

Respondi que conhecia muito bem o problema porque já havia dado aula no noturno e diurno, em escolas do Estado, durante 30 anos. Eu gostaria de passar por essa experiência porque gosto muito do que chamam de aluno-problema.

No dia marcado, cheguei com uma hora de antecedência e a diretora veio ao meu encontro: “Insisto para você desistir. Ainda dá tempo porque não falei com os alunos sobre a palestra.”

Agradei a preocupação, mas eu também insistia em fazer esse trabalho sem que ninguém me

apresentasse aos alunos. Eu mesma faria isso.

Entrei na sala dos professores e eles também tentaram fazer eu desistir da ideia. Agradei novamente e fui para a sala de aula.

A inspetora de alunos veio ao

meu encontro dizer que outro professor havia faltado e se haveria possibilidade de colocar mais uma classe de 8ª série para assistir a palestra. Nem bem concordei, chegou outra professora pedindo para colocar mais uma classe. Bem, já que eu estava numa grande situação problema, topei e entrei

numa classe de 40 carteiras, com quase 100 alunos adultos, dois em cada carteira ou sentados no chão, alguns em pé. Eles toparam juntar todo mundo para ir embora da escola mais cedo. A palestra teria início às 19h, com duração de apenas 50 minutos, e às 20h eles estariam “livres da escola”.



Com a maior dificuldade, consegui entrar na sala e fechar a porta. Não havia lugar nem para pisar. O barulho era ensurdecedor, todos falavam e davam gargalhadas escandalosas, de deboche, antes de eu falar o tema da palestra. Tentei me apresentar, mas desisti logo. Ninguém prestava atenção.

Então, fui à lousa e escrevi o tema da palestra. Olhei para as janelas imaginando que eu seria jogada por uma delas. Eles leram e as gargalhadas aumentaram. Continuei escrevendo alguns subtítulos e objetivos que eu pretendia alcançar naquela palestra.

Por algum motivo que eu não entendi bem, começaram a fazer silêncio e ler o que estava na lousa. Distribui uma folha com a letra da música “Utopia”, que começava dizendo “Filosofia não me deu felicidade, explicação não explicou o que eu te fiz, eu tinha tudo ao meu redor, saúde, paz e tanto amor... e mesmo assim... meu Deus, eu não te vi...”

Conseguí falar! Melhor ainda, eles conseguiram me escutar percebendo que eu não iria falar o nome de nenhuma religião, mas, sim, de busca de valores humanos.

Liguei o som, coloquei o CD e pedi que cantassem bem baixinho na primeira vez e que observassem minha mão que indicaria quando era para cantar mais forte.

Para o meu espanto, todos cantaram aceitando a sugestão. Então, contei que aquele poema tinha muitas interpretações, mas que eu não estava conseguindo entendê-lo sozinha. Se eles me ajudassem poderíamos, juntos, em grupo, fazer uma análise filosófica de valores humanos, de ética, cada um contando a riqueza das coisas que já tinha aprendido na vida. Que cada um tem um filósofo bloqueado dentro de si, com medo de falar e que precisávamos encorajá-lo para sair e mostrar do que ele era capaz. Estávamos ali para conhecer 100 filósofos juntos.

Pedi para alguém comentar uma frase do poema, amarrando-a à sua realidade.

Um aluno grandão, com as duas pernas em cima da carteira, quis falar que a escola, a família e o mundo só se interessavam pela cabeça dos filhos e alunos sem se preocuparem com o desenvolvimento da fé em Deus (independente de nome de igreja). Ficou em pé e falou, falou e falou despertando o interesse de todos sobre o assunto.

Outro, cabeludo, pediu a palavra e contou que com os estudos científicos e a influência de alguns professores ateus, ele também virou ateu e perdeu a fé. E começou a acreditar que o importante na vida era apenas a ciência e que Deus era assunto para crianças e idosos tolos e doentes.

Uma moça que usava droga, e todos sabiam disso, quis falar e mostrou o vazio que ela sentia porque nunca ninguém havia lhe

falado de Deus, de paz, de amor e, sem esse Deus, sem a orientação da escola, sem o amor da família, ela foi uma presa fácil.

Depois que muitos “filósofos” se desbloquearam e falaram, falaram e falaram, pedi que pensassem em sugestões do que fazer para melhorar suas vidas. Quais valores humanos poderiam buscar? Seria fácil? Nada é fácil na vida. Tudo é desafio para os fortes. Todos nós cometemos enganos que em uma determinada hora precisam ser modificados.

O silêncio na sala de aula era muito grande... Os “filósofos” estavam pensando. Terminada a aula, todos ficaram em pé dizendo que não queriam ir embora, pois precisavam de mais uma hora de aula. Confessavam que se sentiam muito ignorantes naquele assunto e perdidos no mundo.

Os três professores que iam dar a segunda aula me agradeceram

quando viram aquela multidão dentro da sala.

Começamos a segunda aula cantando novamente a mesma música. Livremente ficaram em pé para cantar com a maior sensibilidade. Foi maravilhosa a emoção que puseram na interpretação!

Os participantes começaram a se inflamar e se apaixonar pelo assunto. O entusiasmo tomou conta da sala. A atenção e a concentração eram muito grandes e eles se sentiram encorajados a filosofar a respeito da vida, do amor, da vontade de melhorar em tudo, de acertar no presente para ter um futuro melhor... Os “filósofos” se desbloquearam totalmente. Será que estavam amando realmente suas famílias, amigos, colegas, vizinhos e que tipo de amor era esse que Deus falava? Que vida era essa que cada um estava levando, sem rumo, sem objetivos, sem fraternidade, sem paz, sem alegria e sem saúde?

Bateu o sinal novamente, mas eles, mesmo estando no maior silêncio e concentração, não ouviram. E o estudo de filosofia de vida continuou .

Às 23 horas, depois de 4 horas buscando valores éticos, o servente (que ficou o tempo todo do lado de fora, encostado na porta, assistindo à aula) avisou que precisava fechar a escola. Ele estava abismado vendo o silêncio, a emoção e a paz que reinavam naquela sala com quase 100 alunos amontoados, acordados para a beleza da vida.

Antes de sair, alguns sugeriram que a aula continuasse na rua e que eles se sentariam na calçada. Como não aceitei, saímos juntos até à rua e fizemos as despedidas, todos se abraçando, conscientes do valor da fraternidade e da urgência de mudar seu estilo de vida.

AVALIAÇÃO DA AULA FEITA PELOS ALUNOS:

Pedi que avaliassem a aula e a participação dos alunos, mas nenhum “filósofo” conseguiu falar. Nem era preciso.

CONCLUSÃO PESSOAL:

Fiquei imaginando o que estariam pensando os que passassem na

rua, vendo uma professora aposentada e 100 alunos na rua, todos se abraçando com a maior amizade e fraternidade, às 23 horas, emocionados porque descobriram a beleza da vida e o valor do ser humano.

Mas na escola não disseram que os alunos iam me atirar pela janela? Que eles eram agressivos, debochados, indisciplinados? Que tal a escola mudar o modo de ver

os alunos para descobrir o ser humano maravilhoso, a incrível matéria-prima que temos para lapidar? A aula foi maravilhosa na busca de valores humanos e de mudança comportamental porque sensibilizou e conscientizou os alunos. Eles próprios colocaram suas vivências, suas ideias, seus sonhos, seus projetos de vida. Descobriram que somos e sempre seremos “aprendizes” na vida.

Reflexões que ficaram na cabeça de cada um

Como nós, família e escola, estamos falhando na educação dos filhos e dos alunos? Sabemos que devemos amá-los, mas o que quer dizer amar? Por que eles querem tanto sair de casa, fugir da escola, do mundo, da vida e da convivência fraterna? Nós temos de desenvolver neles: o intelecto, o físico, o emocional e o espiritual, mas a

nossa preocupação é apenas com o intelecto, obrigando o aluno a decorar o ponto como se ele fosse um tolo que não soubesse pensar, falar, sentir, escrever e agir. O ser humano não é robô para guardar enciclopédias na cabeça e não saber o que fazer com ela.

Aluno-problema não é problema porque problema é a metodologia errada que nós, pais e professores, estamos usando.

Sugestão:

Por que não tentar a metodologia criativa? Talvez dê certo. É muito mais simples do que pensamos. Basta ter coragem, querer e tentar. Difícil é decorar aquela montanha de conteúdos para passar no vestibular.